

## *Oseberg: rito, mito e memória na construção da identidade nacional norueguesa no século XX*

Mário Jorge da Motta Bastos<sup>1</sup>  
Munir Lutfe Ayoub<sup>2</sup>

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.29525

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo essencial o desenvolvimento de reflexões historiográficas sobre as escavações e os estudos da embarcação funerária do Oseberg na primeira metade do século XX, a fim de revelar esses estudos como fruto de um período em que a recuperação e o trabalho com a memória dos povos Vikings poderiam criar na Noruega uma identidade nacional que fundamentada em aspectos ritualísticos e mitológicos legitimasse a independência política pela qual este país lutava nesse momento histórico.

**Palavras chaves:** Nacionalismo; arqueologia; memória.

### **Oseberg: rite, myth and memory in the construction of the Norwegian national identity in the twentieth century**

**Abstract:** This essay aims to development historiographical reflections on the excavations and studies of the funerary boat of Oseberg in the first half of the twentieth century in order to reveal these studies as a result of a period in which the recovery and work with the Viking memory create in Norway a national identity based on ritual and mythological aspects that legitimized political independence by which it fought in this historical moment.

**Keywords:** Nationalism; archeology; memory.

### **Oseberg: rito, mito y memoria en la construcción de la identidad nacional de Noruega en el siglo XX**

**Resumem:** Este artículo tiene como objetivo el desarrollo de reflexiones historiográficas sobre las excavaciones y estudios de la embarcación funeraria de Oseberg en la primera

<sup>1</sup> Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (1995) e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente, é Professor Associado II do curso de Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, onde atua também no Programa de Pós-Graduação, além de pesquisador do "'Translatio Studii' - Núcleo Dimensões do Medieval", e do "Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo - Seção Pré-Capitalismo (NIEP-Marx-Prék)", grupos de pesquisa registrados no CNPq. Email: velhomario@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado e Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007-2010 e 2011-2013). Mestre em história medieval com ênfase no mundo escandinavo, Munir é Membro do NEVE (*Núcleo de estudos Vikings e Escandinavos*) e atualmente pleiteia vaga para seu doutorado. Email: munirlutfe@gmail.com

mitad del siglo XX, con el fin de revelar estos estudios como resultado de un período en el que la recuperación y el trabajo con la memoria del periodo Vikingo crean en Noruega una identidad nacional basada en los aspectos rituales y mitológicos que legitimaron la independencia política por la que este país luchaba en este momento histórico.

**Palabras clave:** Nacionalismo; arqueología; memoria.

*Recebido em 05/09/2015 - Aprovado em 30/09/2015*

O mito e o rito são práticas que teorizadas por arqueólogos e historiadores como Neil Price se define por uma constante relação evidenciando o primeiro como momento que possibilitava a vivência do segundo e por fim apontando ambos como expressões de dramatização que construía, reconstruía e preservava as histórias e memórias destes povos. Expressões culturais que por fim são definidas por historiadores como Jens Peter Schjodt como espaços discursivos pagãos onde ideais políticos, personagens históricos e mitológicos, cosmologias, compreensões identitárias e muitas outras compreensões sociais e de mundo eram compartilhadas, construídas, remodeladas e vividas (SCHJODT, 2007, 1-16).

Os ritos são assim mais do que as tentativas dos homens de se aproximar e se comunicar com as outras esferas do mundo, com as esferas do sagrado. Esse seria não apenas uma comunicação, mas a dramatização deste contato que geraria a criação da memória garantida pela interação entre pessoas, objetos, locais, danças, cantos e tantas outras práticas. Compreenderemos rito assim em nosso trabalho como sendo uma maneira pela qual uma prática se tornou ritualizada sendo compreendida como sintetizada em métodos, tradições e estratégias de um contexto social específico tendo como uma de suas finalidades última a rememoração e revivência dos mitos e histórias de um dado povo. Devemos assim enfatizar o ritual como um trabalho que modifica a realidade material e, portanto permite a vivência das compreensões de uma dada sociedade sendo ao fim uma prática que ao se materializar e se fazer concreta se torna um fato empírico para a memória daqueles povos.

O rito e o mito se tornam assim pobre em potencial semântico e em sua característica argumentativa lógica. Como demonstrado por Bloch em seus estudos o rito e o mito são formas de expressão que se difere de uma linguagem natural, na qual podemos dizer novas coisas e criarmos argumentos, e assim, a comunicação ritual e mitológica se encontra protegida de rápidas modificações (BLOCH, 1977, 135). Mito e rito são assim expressões culturais que manifestam, condensam e permitem a vivência das expressões de modelos sociais existentes desde tempos que se acreditavam imemorráveis. Contudo devemos nos lembrar de que durante as diversas épocas, o rito e o mito sofrem variações, em conformidade com suas execuções no tempo e no espaço, variações pautadas nas modificações das compreensões cósmicas e sociais que alteravam assim a execução destas dramatizações e histórias (SCHJODT, 2009, 9-22). As fontes arqueológicas são, portanto, as únicas fontes diretas do período Viking uma vez que as

fontes literárias foram produzidas nos séculos XII e XIII e rememoram os costumes, práticas e mitos dos antigos povos escandinavos por novas perspectivas incorporadas pela introdução do cristianismo e pelos novos quadros políticos como a consolidação das realidades escandinavas.

No entanto a ciência por sua corrente positivista entendia as fontes históricas como verdades indiscutíveis resumindo por fim o papel da história como o acúmulo de conhecimento factual por meio dessas fontes. A corrente positivista pretendia assim um conhecimento que busca descrever a realidade do mundo de forma acumulativa e progressiva sendo considerada neutra e livre de valores pessoais apoiando-se sobre feitos e fatos independentes das teorias e interpretações, sendo, por fim, essas análises consideradas como livres de valores ou normas (FUNARI, 2003, 15). O presente trabalho pretende assim desmistificar esse papel da ciência ao analisar e ressaltar a construção de pesquisas históricas e arqueológicas como portadoras de valores de sua época que buscavam respostas para as aflições de seu período e que como os mitos e as histórias de propagação oral do período Viking se criavam e recriavam por inúmeros momentos.

Buscaremos, portanto, a análise da formação da memória do povo norueguês no início do século XX em relação ao passado Viking pelo estudo e pela escavação da embarcação funerária de Oseberg, região da atual Noruega. Evidenciando por fim o papel da arqueologia histórica no final do século XIX e início do século XX como ciência que possibilitava e reforçava a construção das nações europeias e de suas pretendidas homogeneidades culturais.

Sendo assim, no primeiro momento, salientamos as bases da arqueologia histórica europeia como embasadas por uma compreensão da vida por trás dos objetos que buscavam as raízes de uma identidade nacional partindo de compreensões básicas, como as de nações formadas por grupos étnicos, tendo um território estabelecido e uma cultura formada por uma língua e um conjunto de tradições nacionais homogêneas e partilhadas por gerações que permitiriam um estudo arqueológico que determinaria e auxiliaria na valorização dos considerados antepassados dos povos europeus, como os germânicos, os romanos e os gregos (FUNARI, 2003, 24).

Partiremos, dessa forma, ao nosso trabalho buscando responder as seguintes questões que nos possibilitarão a compreensão da evolução da arqueologia em relação às suas compreensões e questionamentos históricos: O que compreendemos como memória quando tratamos a reinserção da cultura material do período Viking no final do século XIX e início do XX? O que pretendiam os arqueólogos noruegueses no momento de reintegração e compreensão da embarcação funerária de Oseberg? Que momento histórico vivia a Noruega no momento dessa reintegração?

### ***Memória e artefato***

Nossa compreensão de memória parte das teorias expostas nos estudos da múltipla temporalidade iniciado por arqueólogos como Christopher Chippendale, Michael Shanks e Mats Burström que revelaram uma nova construção de análise sobre as fontes arqueológicas e históricas. Estes arqueólogos foram responsáveis por revelar um

novo foco cronológico da arqueologia que deixaria de tentar separar as coisas e fatos por períodos bem estabelecidos pensando apenas cada período por suas próprias construções e monumentos. Esse novo pensamento arqueológico buscou a compreensão da múltipla temporalidade do passado partindo do princípio de que se os resquícios do passado estão presentes até hoje estavam também no decorrer dessa temporalidade e influenciaram e foram formados assim por esses múltiplos tempos históricos até os dias de hoje (CHIPPENDALE, 1983; SHANKS, 1987; BURSTRÖM, 1989).

Os artefatos são assim compreendidos como portadores de uma biografia que, como ressaltado por Hella Eckardt e Howard Williams, davam a eles significados que evocavam memórias pela associação com as pessoas que os possuíram e pelas mãos que eles passaram durante as sucessivas trocas a que foram submetidos. Esses objetos são assim compreendidos pelos seus processos de produção, troca e uso gerando histórias que podem se tornar centrais para certos indivíduos e/ou grupos em suas construções de identidade (ECKARDT e WILLIAMS, 2003, 141-170).

As teorias da múltipla temporalidade e da biografia dos artefatos nos levam ao estudo da memória pautados em teorias arqueológicas, provenientes dos estudos do arqueólogo Andrew Jones, que lança o primeiro pilar teórico de seus estudos ao salientar que a materialidade dos objetos situava as sociedades em sua relação espaço/temporal ressaltada pela produção e reprodução de atividades que construía no seio delas um processo de rememoração. Jones fundamenta assim um dos primeiros termos que irá guiar o seu trabalho, o termo citação, que demonstra as experiências sociais e pessoais, além da materialidade destas decorrentes como derivadas de uma base passada a qual faz referência e, ao mesmo tempo, revitaliza. A ação humana é assim considerada como baseada pelo passado e orientada para o futuro, cada ato humano e cada artefato está implicitamente conectado a atos e artefatos passados dos quais eles derivam e retêm e orientado por atos e artefatos futuros, momento em que estes podem realizar suas potencialidades.

Ao considerar as bases passadas e a potencialidade de cada artefato, Jones propõe que o mundo habitado é complexo e formado por múltiplas camadas temporais o que o faz apontar os territórios formados por artefatos de múltiplas relações históricas que são enfatizados ou postos de lado na tentativa de respostas das ansias e angústias específicas de cada período. Os monumentos e artefatos arqueológicos possuem assim uma dupla existência sendo de primeiro momento de memória assegurada devido suas presenças materiais, mas também frutos de múltiplas interpretações não sendo a memória algo inerente do artefato, mas sim algo que sobre tudo se realiza nos múltiplos momentos de rememoração. Jones, assim, aponta para exemplos como os do renascimento italiano no qual o passado foi recuperado e reinterpretado, mas não copiado, auxiliando, dessa forma, a uma revitalização de outras épocas históricas. Podemos dizer que em todos os momentos do presente sofremos pressões decorridas de diversos outros momentos do passado que são responsáveis por mediar e formar cada uma de nossas experiências (JONES, 2007, 70-90).

Devemos nos lançar à compreensão de uma cronologia não linear que só poderá ser desvendada ao pensarmos nas teorias e paradigmas que movem nossos olhares em nossas relações com a cultura material, como revelado pelo antropólogo Daniel Miller, que dividiu essas experiências em três casos denominados como longevidade, equivalência temporal e transitoriedade. Miller relaciona a longevidade com as experiências e posições de cada pessoa no decorrer de um extenso esquema histórico ou, como salientado pelo próprio antropólogo, pela experiência inicial de cada pessoa com o mundo que se apresenta, num primeiro momento, como algo gerado pela história mais do que algo construído por ela própria. Os artefatos nessa compreensão assumem o papel de veículos que possibilitam em nossas experiências pessoais a transcendência de nossas inserções na relação tempo/espaço. O segundo termo, equivalência temporal, Miller define as relações de cada indivíduo com a cultura material que auxilia na rememoração de suas experiências pessoais uma vez que existe uma estrita equivalência temporal entre a pessoa e o artefato em questão. E, finalmente, o termo transitoriedade, Miller define as relações que se dão pelas experiências pessoais e a efemeridade do artefato auxiliando no posicionamento histórico de cada pessoa em relação às constantes modificações dos artefatos ao seu redor (MILLER, 1994, 396-419).

Podemos assim salientar, pelo trabalho de Miller, que a relação entre as pessoas e a cultura material é responsável pela rememoração que as situam no tempo/espaço pela durabilidade, permanência, efemeridade e impermanência das qualidades materiais de diversas substâncias as quais as pessoas constroem durante suas vidas por uma constante relação. Os artefatos são assim percebidos por suas durações e por suas constâncias e inconstâncias em seus usos, momentos nos quais essa materialidade se faz presente pelas práticas as quais estão aplicadas. Teremos, enfim, como paradigma essencial de nosso trabalho a noção de que o tempo, a história e a memória são produzidos pelas sociedades que levam em consideração o tempo de vida dos seres humanos e a constante vivência destes com a materialidade na construção de suas experiências.

### ***Oseberg: Escavação, primeiros estudos e cerimoniais dos novos enterramentos***

Em seu aniversário de cinquenta anos, em agosto de 1903, o arqueólogo norueguês Gabriel Gustafsson recebeu a visita de Oskar Rom, dono de uma fazenda chamada Revehaugen, em Oseberg, na região de Vestfold, atual Noruega. Rom trazia consigo uma peça de madeira talhada e decorada que havia encontrado enquanto retirava uma montanha de seu terreno para alargar seus campos. Gustafsson, no primeiro momento, se mostrou cético com a visita de Rom, mas na hora em que o fazendeiro lhe mostrou o artefato que havia recolhido em seus campos, o arqueólogo imediatamente identificou a peça de madeira como pertencente ao padrão de representação de figuras zoomórficas do período Viking. Dois dias depois, o arqueólogo visitou a fazenda e escavou uma pequena trincheira provisória que o persuadiu da importância e do tamanho da descoberta, mas naquela ocasião a mesma não poderia ser executada devido ao inverno que se aproximava e as preparações financeiras que deveriam ser realizadas para uma escavação daquele porte. Gustafsson, então, fechou a trincheira inicial para proteger

a descoberta da neve e do frio que estavam a caminho e começou a preparação de sua equipe e das finanças que necessitavam ser realizadas até o momento da escavação (ARDWILL-NORDBLADH, 2002, 201-216).

A escavação da embarcação de Oseberg teria assim seu início no verão de 1904, com os trabalhos realizados pelo professor Gabriel Gustafsson, as primeiras indicações tratariam as dimensões do monte funerário que foi apontado como tendo 40 metros de diâmetro e 2.5 metros de altura, esta que o arqueólogo aponta ter sido de 6.5 metros originalmente, mas que havia com o tempo cedido e desmoronado para o tamanho atual. O verão daquele ano foi seco o que era uma boa notícia para a equipe de escavação uma vez que tornava a mesma muito mais fácil, mas fazia-se necessário uma construção provisória que represasse o rio para que mangueiras fossem colocadas trazendo a água deste para umidificar os artefatos de madeira que ficariam expostos durante certo tempo a intempéries e que mesmo depois de embalados em 397 pacotes ficariam submersos em tanques de água até receberem os tratamentos necessários para sua conservação. Logo a embarcação seria trazida à tona e estaria claro que a mesma se encontrava quebrada e sua composição muito distorcida devido à pressão do monte de pedra, terra e turfa sobre a mesma. A parte inferior da embarcação havia sido pressionada contra a base do local de depósito, cuja composição era basicamente de barro, e por este motivo havia cedido facilmente quebrando a quilha da embarcação no meio e forçando para cima as madeiras que compunham a câmara do depósito funerário.

Contudo, o mesmo monte que havia danificado a embarcação havia preservado em grande medida os achados, uma vez que as condições do depósito feito em um terreno argiloso que tinha a parte de seu bordo para além do seu mastro, coberta por uma câmara de madeira, tendo a maior parte dos objetos depositados sob o teto desta câmara e que contava ainda com uma grande montanha de pedras construída e coberta por uma camada espessa de turfa que gerou, por fim, uma pressão que privou os mesmos de contato com o oxigênio, isolando-os dos aspectos de decomposição. A reconstrução da embarcação, no entanto, foi como a montagem de um grande quebra-cabeças que foi deixado a cargo do engenheiro naval Fredrik Johannessen responsabilizado por identificar e demarcar cada uma das mais de duas mil peças que compunham o navio. No dia 5 de novembro a escavação estava completa e as peças se encaminhavam para Oslo onde a reconstrução iria começar.

Entre os artefatos foi escavado: uma embarcação com cerca de vinte metros de comprimento construída para abrigar cerca de quinze pares de remos, esta que apresentava alguns desgastes que sugeriam que a mesma havia sido utilizada um bom tempo antes de servir para o depósito funerário; ossos humanos; uma grande quantidade de objetos de madeira incluindo um vagão; tapeçaria; cordas; elementos têxteis e o esqueleto de quinze cavalos, quatro cachorros e dois bois.

A embarcação de Oseberg foi assim rapidamente detectada como uma embarcação funerária comparada a outras da região de Vestfold como as de Tune e Gokstad, mas a de Oseberg se destacava pela preservação de seus achados que incluíam objetos de madeira e outros objetos orgânicos. Devido à sua importância a preservação

dos achados se fazia de extrema urgência e a reconstrução da embarcação ainda demandaria muito tempo e trabalho. Boa parte do carvalho utilizado para a construção da embarcação estava razoavelmente preservado e assim pode ser submetido a um processo com óleo de linhaça e ácido carbólico durante um prolongado tempo de secagem. Os objetos feitos de ferro foram submetidos à secagem e, após estas secagens, foram cozinhados em parafina para evitar o processo da ferrugem e os de bronze foram secos e laqueados para evitar suas decomposições. As cordas da embarcação foram tratadas com glicerina e os artefatos de couro preservados no achado foram tratados com óleos específicos. Os artefatos têxteis apresentavam algumas dificuldades particulares, a lã e a seda haviam se preservado bem devido à argila, mas o linho havia coagulado em um amontoado de camadas sobrepostas praticamente impossíveis de serem separadas.

O arqueólogo Gabriel Gustafsson, por sua vez, embarcou em uma expedição pelos mais diversos museus da Europa para pesquisar as últimas técnicas aplicadas na preservação de artefatos. O arqueólogo retornou com a ideia de saturar a madeira em uma solução de água e alúmen, sendo o alúmen depois lavado e retirado da parte externa da peça que estaria assim apta a ser exposta ao processo de secagem, uma vez seco a madeira ainda sofreria um processo de revestimento com óleo de linhaça e uma camada de laca para seu revestimento. O alúmen que permaneceria na parte interna dos artefatos com o tempo se cristalizaria criando camadas externas a madeira gerando, assim, uma estrutura que protegeria a mesma das contrações e expansões naturais de seu substrato. Contudo, a técnica que foi considerada como a melhor por Gustafsson com o tempo foi apresentando problemas, o alúmen craquelou e os artefatos de madeira se tornaram assim muito delicados e de difícil manuseio, além de se tornar extremamente sensível à variação de temperatura e umidade porque qualquer variante muito brusca dos dois últimos fatores citados poderia ocasionar um processo reverso da cristalização do alúmen o que estouraria os artefatos de madeira.

Os tratamentos supramencionados auxiliaram na preservação de mais de 90% do carvalho original na reconstrução da embarcação, assim como na preservação de mais da metade dos pregos usados pelos construtores do período Viking. Os postes da proa e da popa da embarcação e o seu leme foram torcidos devido à pressão do monte funerário, houve muita ansiedade para o restauro dessas partes do navio que também foram cozidas no vapor e submetidas à pressão de maquinários que conseguiram endireitar essas partes com sucesso. A parte superior do poste traseiro da embarcação, no entanto, foi exposta às intempéries devido a um buraco escavado no monte funerário, em algum momento desconhecido, se tornando a única parte nova e totalmente restaurada da embarcação. Esta parte foi desenhada como o rabo de um dragão, acompanhando assim a cabeça do dragão que se encontrava esculpido no poste dianteiro, a reconstrução dos postes da embarcação de Oseberg utilizou como guia uma cena encontrada na tapeçaria de Bayeux onde esses navios foram retratados em momentos de invasão (FERGUSON, 2009, 9-19).

A preservação dos achados tomaria assim muito tempo de Gustafsson que só conseguiu publicar pela primeira vez sobre os mesmos em um artigo no volume V da

revista denominada Saga Book, em 1906, realizada pela sociedade Viking para pesquisas nórdicas com sede em Londres. O artigo tem a preocupação em seus primeiros parágrafos de esclarecer a demora dos primeiros estudos sobre o achado apresentando como justificava para a mesma a realização dos diversos procedimentos de conservação, já supramencionados, e revelando estes processos como frutos de uma preocupação central de Gustafsson que acreditava que a preservação do depósito funerário de Oseberg era também a preservação da antiga história da Noruega e das nações do Norte (GUSTAFSSON, 1906, 297-299).

O arqueólogo esclarece também que tinha a intenção de, após o término do trabalho de preservação e restauração, publicar um estudo completo sobre a embarcação e os achados com ilustrações dos mesmos (GUSTAFSSON, 1906, 299). A restauração, no entanto, teria fim apenas em 1926, 22 anos após seu início, e seus achados só seriam massivamente publicados em quatro volumes entre 1917-1928 pelo arqueólogo A. W. Brogger. Gabriel Gustafsson assim não participou das publicações desses quatro volumes sobre a embarcação e nem mesmo teve a chance de ver a restauração finalizada, uma vez que acabou por falecer no dia 16 de abril de 1915, com 61 anos de idade.

Em seu único artigo, Gustafsson se ateu à análise de apenas dois elementos do achado: discutindo um balde de madeira com decorações de motivos antropomórficos e os esqueletos de duas mulheres, que após a análise osteológica foram detectados como sendo um de uma mulher que faleceu com 50 anos de idade ou mais e o outro de uma mulher que faleceu com uma idade entre 30 a 40 anos. Mulheres que chamariam grande atenção e dariam grande notoriedade a Oseberg uma vez que a imagem do período Viking era extremamente masculina, de guerreiros e saqueadores, imagem esta que começava a ser alterada pelos achados desse depósito funerário. Estes novos olhares levaria a encontros de Gustafsson com conselhos, como o Conselho Internacional das Mulheres, que em setembro de 1911 organizaram uma reunião para debater se os corpos das mulheres encontrados no depósito funerário pertenciam a uma rainha ou apenas a esposa de um rei. O debate sobre o pertencimento desses corpos seguiria adiante com grande intensidade uma vez que no período se fazia de suma importância a compreensão de quem eram essas mulheres.

Gustafsson, assim, lançou base a essas discussões quando em seu breve artigo aponta as duas mulheres como sendo a mais velha uma aristocrata, que poderia ter sido a filha ou a mulher de um chefe local ou até mesmo uma rainha, e a mais nova uma escrava ou uma serva. Contudo, nenhum dos esqueletos se encontrava completo o que Gustafsson aponta que pode ter decorrido de um roubo da câmara funerária em um período não determinado. Do esqueleto da mulher detectada como tendo por volta de 50 anos foi encontrado boa parte dos ossos do crânio e do corpo, motivo que levou o arqueólogo a apontá-la como membro da aristocracia, e da mulher mais jovem apenas alguns fragmentos de ossos e uma única parte minúscula do crânio, motivo que levou o arqueólogo a referi-la como a escrava. Por fim, Gustafsson nos diz que o estudo desses corpos seria liderado também por G. A. Guldberg, professor de Anatomia da

Universidade de Christiania, o mesmo que havia feito o estudo dos ossos animais encontrados em Gokstad há 25 anos (GUSTAFSSON, 1906, 297-307).

Gustav Guldberg continuou, assim, o estudo das duas mulheres, presentes no depósito funerário de Oseberg, em dois artigos de 1907, publicados em uma versão estendida em alemão e um resumo em norueguês. O osteologista dividiu a ossada das duas mulheres e as numerou como Ossada 1 pertencente à mulher mais velha, da qual sobrou a ossada mais completa, e Ossada 2 da mulher mais jovem, da qual sobrou poucos ossos. Guldberg continuou a apontar, como já feito por Gustafsson, a mulher mais velha como membro da aristocracia e a mais jovem como uma possível escrava. Segundo o osteologista, o primeiro apontamento parte de compreensões étnicas ao admitir que a Ossada 1 não pertence a um padrão germânico ou Viking, o qual ele diz conhecer por estudos de materiais da Idade do Ferro. Contudo, ele também afirma que seria impossível comprovar se essa mulher é uma estrangeira ou descendente de alguma linhagem norueguesa, porque os ossos de sua face se perderam. Outro problema levantado por seus estudos deriva do fato da Ossada 1 demonstrar grandes sinais de desgaste, o que, segundo o osteologista, não se pode saber se foi decorrente de uma vida de trabalho árduo ou das condições de vida na região. Ao fim de seu artigo, Guldberg levanta três alternativas de interpretações possíveis assumindo que somente pelo estudo osteológico é impossível decidir qual das duas mulheres seria pertencente à aristocracia e que qualquer apontamento seria de caráter hipotético.

A primeira hipótese defendida por Guldberg, e que ele afirma como a de maior possibilidade, é a de que a mulher mais velha seja membro da aristocracia e a mais nova seja a escrava, ideia defendida pelo fato de ser em sua opinião a mais harmônica em relação aos relatos do árabe Ibn Fadlan, que registrou em seus escritos os costumes nórdicos que presenciou em seu contato com os homens no rio Volga, no século X, e relatou o ritual funerário de um chefe local que foi acompanhado pelo sacrifício de uma escrava.

A segunda hipótese levantada pelo osteologista é exatamente o oposto da primeira, onde a mulher mais jovem seria membro da aristocracia e a mais velha seria a escrava, hipótese explicada pela quantidade dos ossos da mulher mais jovem que foram encontrados em menor número do que os da mais velha, o que pode ter decorrido do roubo do depósito funerário, já apontado por Gustafsson, que teria alterado em maiores proporções o corpo da mulher pertencente à aristocracia do que o corpo da escrava, fator decorrente do maior número de joias e bens preciosos em conexão com os ossos da aristocrata. Guldberg, no entanto, defende esta hipótese como menos provável, mas não apresenta nenhuma explicação para esta consideração.

Por último, Guldberg apresenta a hipótese das duas mulheres serem membros da aristocracia, o que ele diz ser improvável, e neste ponto passamos a perceber a importância dos relatos de Ibn Fadlan nos trabalhos do osteologista, uma vez que refuta a última hipótese simplesmente por esta estar em total discordância com os relatos do árabe, já que o chefe local neste relato é acompanhado de uma escrava sacrificada e não de qualquer outro membro da aristocracia (GULDBERG, 1907, 1385-1397).

O arqueólogo A. W. Brogger seria o responsável por continuar esse debate no momento de lançamento dos quatro volumes que compuseram os estudos de Oseberg de uma forma massiva entre os anos de 1917 e 1928. Brogger, no entanto, não apenas continuaria a apontar a mulher mais velha como membro da aristocracia e a mais jovem como uma escrava, mas buscaria dar um nome a esta aristocrata se utilizando da *Ynglingasaga* para apontar esta como a rainha Asa, mãe de Halvdan the Black, avó de Harald Fairhair, rei que segundo a tradição das Sagas islandesas seria o responsável por unificar a Noruega, e uma das ancestrais do rei Olav que, na primeira metade do século XI d.C., foi o responsável pela cristianização da Noruega e foi elevado à posição de santo durante a Idade Média. Brogger, assim, menciona a rainha Asa como possuidora de uma personalidade corajosa e de um desejo de viver sua própria vida, o que a teria levado a matar seu próprio marido, características que apontam para um desejo desta de não ter seu depósito funerário em Borre, onde, segundo o arqueólogo, estaria os membros de sua família, membros estes que a rainha não gostava e não desejava se misturar por julgá-los culpados pelo assassinato de seu pai. Ao fim, para o arqueólogo e suas deduções, a rainha Asa teria escolhido seu próprio local de depósito funerário em Oseberg e seria a aristocrata escavada por Gustafsson (BROGGER, 1917, 165-197).

Contudo, contestações não tardariam a vir não somente para o trabalho de Brogger como também para os de Guldberg e Gustafsson, quando em 1927 o osteologista Kristian Emil Schreiner passou a argumentar que se alguém teria sido roubado nesse depósito este alguém seria a mulher mais jovem. Guldberg, como já supramencionado, teria levantado esta hipótese, mas havia dito que a mesma não seria a mais razoável. Schreiner apresentou como defesa de sua hipótese o fato dos dentes da mulher mais jovem apresentar marcas que sugeriam uma prática de palitá-los com agulhas, o que, segundo o osteologista, seria uma prática aristocrática do período Viking. Contudo, o que o osteologista não menciona é que nenhum dente da mulher mais velha havia sido encontrado.

Schreiner segue suas argumentações pela análise da ossatura e musculatura da mulher mais velha referindo, assim, que os desgastes nos ligamentos musculares desta seriam sinais de um reumatismo o que a tornaria uma escrava ideal para ser sacrificada no momento do depósito funerário da aristocrata. Schreiner, ainda, faria uma comparação entre ossaturas da Idade do Ferro e as da mulher mais velha de Oseberg, concluindo que os ossos desta são muito mais finos e seu crânio é muito menor do que os padrões nórdicos, fato também já apontado pelo supramencionado osteologista Guldberg.

Schreiner, no entanto, não avançaria nos estudos sobre os ossos das mulheres de Oseberg, porque teria que avançar sobre outras discussões de seu período que perpassavam pelo debate do futuro dos ossos destas que poderiam ou não ser depositadas novamente, como já havia acontecido com os ossos do homem de Gokstad, em 1929. Schreiner era totalmente contra este novo depósito, pois o mesmo impediria futuros estudos de novos osteologistas como os realizados por ele próprio (SCHREINER, 1927, 81-279). Contudo, tanto suas pesquisas como seu posicionamento

sobre o redépósito dos ossos de Oseberg seriam vencidos em ações futuras tomadas não apenas por acadêmicos, mas pelo povo, pela realeza e pela mídia norueguesa.

Jornais como o *Aftenposten* e o *Verdens Gang* apresentariam assim nos anos 1940 os ossos da mulher mais velha da embarcação de Oseberg como sendo pertencentes à rainha Asa. Porta-vozes da comunidade, como em Slagen, ainda, escreveriam ao jornal *Tonsberg Blad* para dizer que não importava o que diziam os arqueólogos, mas o que importava era que o povo de Slagen tinha seu próprio pensamento e não deixaria facilmente de acreditar que a mulher de Oseberg era a rainha Asa (NORDSTRÖM, 2006, 402).

O redépósito não foi de fácil realização, pois o local original da embarcação de Oseberg havia sido abandonado aberto e cheio de trincheiras que desnivelaram o solo, tendo algumas até mesmo a presença de um grande acúmulo de lixo. O local do novo depósito só ficaria pronto em 1947 com a restauração do monte funerário e a implantação de um sarcófago feito de granito vermelho dentro do mesmo.

A re deposição dos esqueletos das duas mulheres e a inauguração do novo monumento só ocorreria em 1948, mas um problema logo foi colocado, pois não se sabia mais quais eram os ossos da rainha e quais eram os ossos de sua escrava, resolvendo, por fim, depositar os ossos das duas mulheres em uma caixa de carvalho coberta de linho e depositado em um caixão de alumínio, produto que no período era o mais moderno e proeminente da indústria norueguesa.

Por fim, na sexta-feira, dia 29 de agosto de 1948, o monte funerário foi inaugurado contando com a presença de uma média de 3 a 4 mil pessoas, além de ter sido gravado e transmitido para toda Noruega. A princesa Olav era a convidada de honra e foi a responsável pelo discurso de fechamento do depósito, mas o evento ainda contou com o discurso principal feito pelo professor Haakon Shetelig. A princesa em seu discurso reforçou a importância da rainha Asa como progenitora da linhagem dos antigos reis noruegueses, além de salientar a sabedoria dos fazendeiros noruegueses que haviam contribuído para a descoberta do achado. Por fim, a princesa Olav salientou o papel vital da rainha Asa por sua tradição que poderia demonstrar aos noruegueses a força da unidade nacional tomando assim a história como um instrumento de suma importância para demonstrar a unidade cultural, territorial e identitária do povo norueguês, tradição partilhada por gerações (ARDWILL-NORDBLADH, 2002, 201-216).

### ***A criação de uma identidade nacional em uma Noruega recém-independente***

Neste último momento da análise dos estudos arqueológicos da embarcação de Oseberg se faz necessário a compreensão do momento histórico que passava a Noruega de 1904, quando da escavação da embarcação até 1948, no momento de redépósito dos ossos dessas mulheres. A primeira data decisiva de nossa compreensão é o ano de 1905, quando houve a emancipação norueguesa frente ao domínio sueco existente na região desde 1814.

O domínio sueco da região foi fruto do momento histórico europeu, as guerras napoleônicas, quando a união de Kalmar entre Noruega e Dinamarca teria, por fim, seus

últimos momentos com o apoio destes aos expansionistas franceses e apoio dos suecos ao reino inglês. Com o fim da guerra e a vitória inglesa, os suecos tomam posse da Noruega pouco tempo depois do fim da união de Kalmar, união existente desde 1397. O domínio sueco só teria fim quando, em 1905, o parlamento de Kristiana, na cidade de Oslo, votou o fim da união entre os países que havia sido firmado no tratado de Kiel de 1814, ainda naquele ano um plebiscito confirmou a massiva concordância pública do povo norueguês para com as ações de seu parlamento, por fim, a dissolução desta união seria firmada na cidade de Karlstad, na Suécia, sem a necessidade de um conflito bélico entre os povos. Em 26 de outubro de 1905, o rei Oscar II, da Suécia, abdicava assim do trono norueguês (BARTON, 2003, 58-86).

A segunda data decisiva de nossa compreensão, do momento histórico norueguês, tem marco inicial em 9 de abril de 1940, momento de invasão nazista ao país, e término em 8 de maio de 1945, quando a primeira eleição geral, após a guerra, teria como vencedor o primeiro ministro Einar Gerhardsen, membro do partido dos trabalhadores norueguês, político que assumiria a liderança do novo sistema parlamentarista que surgiria na Noruega pós-segunda grande guerra (SEJERSTED; ADAMS, 2011, 189).

Esses momentos históricos de sucessivas subjugações dos noruegueses a outros povos e sucessivas liberdades e independências nacionais, ocorridos pela dominação da região pelos dinamarqueses, suecos e alemães, criaram um terreno fértil para expressões culturais que visavam o fortalecimento de uma identidade nacional norueguesa e que trazia à tona memórias do passado, como as do período Viking na busca de uma legitimação cultural e política para este país que surgia como uma nação independente.

Neste momento a obra *Ynglinga Saga*, utilizada para apontar o depósito funerário de Oseberg como pertencente à rainha Asa, tomaria um papel de suma importância ao relatar os primórdios da realeza norueguesa e junto da *Heimskringla*, que relata a história dos reis noruegueses até o século XII, seriam consideradas verdadeiras obras primas daquela nação. Essas obras seriam traduzidas e editadas de forma sucessiva durante os séculos XIX e XX contando até mesmo com ilustrações de grandes artistas da época como Christian Krogh e Erik Werenskiold (SAWYER, 2001, 243-244).

Contudo, não apenas o mundo acadêmico e o mundo das artes estavam buscando as raízes nacionais norueguesas no tempo Viking, mas o próprio povo, assim, também o fazia como pode ser visto nos estudos de Kari Skjonsberg que ao tratar da literatura infantil de 1814-1905, na Noruega, salienta alguns poemas de Johanne Vogt. Um desses poemas evidencia aspectos como a ansiedade de uma criança, que após fazer suas lições, pega seu livro do que esta chama de papai Snorre, se referindo a Snorri Sturluson, apontado como o compilador da *Heimskringla*, e se senta perto de sua mãe para ler para ela cada uma das antigas histórias contada pelas Sagas, onde teria a oportunidade de novamente se encontrar com os antigos reis de seu povo (SKJONSBORG, 1995, 108).

No entanto, não somente a literatura e as artes estariam direcionadas para a criação de uma identidade norueguesa, mas estava também mobilizada a arqueologia, como já demonstrado pela escavação de Oseberg, mas esta não seria a única e na verdade

não teria sido o primeiro momento arqueológico, uma vez que a escavação de outros locais e embarcações já haviam, naquela altura, sido realizadas em Tune e Gokstad. A embarcação de Tune havia sido escavada pelo arqueólogo Oluf Rygh e a de Gokstad por Nicolay Nicolaysen. As embarcações de Tune e de Gokstad seriam as primeiras a serem escavadas, respectivamente, em 1867 e 1880, embarcações que ganhariam grande notoriedade por iniciarem o que os arqueólogos chamam atualmente de período dos depósitos funerários da arqueologia norueguesa.

A embarcação de Tune havia sido depositada sobre um monte funerário de 80 metros de diâmetro e 4 metros de altura do nível do solo, sendo o maior monte funerário do período, superando os de Oseberg e Gokstad, que apresentavam, no primeiro, 40 metros de diâmetro e 2.5 metros de altura e no segundo 50 metros de diâmetro e 5 metros de altura. Os depósitos funerários de Gokstad e de Tune, entretanto, foram construídos para dois homens, o que na época reforçou ainda mais a imagem masculina do período Viking, e tornou o achado de Oseberg ainda mais surpreendente ao ser declarado como monumento erguido para o depósito funerário de duas mulheres.

O achado de Tune foi o menos preservado dos três, por ter sido realizado em uma época em que a arqueologia moderna ainda estava se desenvolvendo, a destruição e o desaparecimento da maior parte dos artefatos escavados, inclusive dos ossos do homem que foi apontado como o aristocrata ao qual pertencia o depósito funerário, se revelaram, assim, como um grande problema para os futuros estudos. Os artefatos, porém, nos chegaram pelos relatórios desenvolvidos no momento de escavação, mas ainda boa parte desses relatórios foi perdida e os itens que restaram da escavação, com ressalvas à embarcação, se encontram em uma condição de má qualidade de preservação.

A embarcação e os achados de Gokstad, por sua vez, marcou um novo momento na arqueologia norueguesa que passaria a se preocupar mais com a preservação de seus achados contando com a presença de profissionais, como o engenheiro naval Fredrik Johannessen, o mesmo que anos depois participaria também na conservação e reconstrução da embarcação de Oseberg, além de, como já supramencionado, contar com estudiosos como G. A. Guldberg, professor de Anatomia da Universidade de Christiania, que estudaria os ossos dos animais encontrados no depósito funerário.

As escavações de Gokstad apresentariam, assim, por fim, os achados dos ossos de um homem de 40 anos, citado pelos arqueólogos Nicolay Nicolaysen e A. W. Brogger como sendo Olov Geirstadlv, mais um dos reis da *Ynglinga Saga*. Os ossos deste homem apresentavam sinais de cortes e golpes em ambas as pernas, o que, possivelmente, indica que ele havia morrido em batalha. A falta de alguns ossos e a presença de alguns buracos, previamente aberto no monte funerário de Gokstad, indicava, como em Oseberg, o furto desse depósito funerário. Entretanto, apesar do possível furto a que foi submetido o dado depósito, ainda foi achado nas escavações três pequenas embarcações, uma embarcação de grande porte e dentro desta um jogo de tabuleiro, sessenta e quatro escudos, equipamentos de cozinha, anzóis, seis camas, um trenó, além dos ossos de doze cavalos, oito cães, dois milhafres e dois pavões (EILERTSEN, 2011, 181-190).

Os ossos do homem de Gokstad foram como os da mulher de Oseberg redepósitos, mas em seu caso o ato ocorreu muito antes e contou com a participação de magnatas da área naval, do ministro eclesiástico, da Universidade de Oslo, de políticos da região de Vestfold, da sociedade de história de Vestfold e da sociedade dos antiquários. Em junho de 1928, os primeiros passos para esse redepósito foram tomados na presença de alguns antiquários e de representantes dos magnatas da área naval que estavam patrocinando o evento no Museu de História de Oslo. Os ossos foram assim enrolados em gaze, presos a uma placa de carvalho e depositados em uma caixa feita de chumbo que, por fim, seria enrolada em um pano que representaria a produção manufatureira da região. Logo, no dia seguinte, a caixa seria levada para o local onde seria depositada em um sarcófago feito de uma pedra cinzenta, onde ficaria até julho de 1929, quando seria oficialmente redepósita.

No momento do redepósito, o monte funerário de Gokstad já se encontrava restaurado e na presença do rei Haakon VII, do ministro eclesiástico, da associação dos antiquários, de algumas altas patentes do exército e de uma guarda de 100 fuzileiros navais o redepósito ocorreria. A comoção popular também foi muito grande contando com a presença de cerca de 10 a 12 mil civis. O discurso principal da cerimônia de redepósito seria feito pelo arqueólogo A. W. Brogger, que reforçaria a ideia do aristocrata ser o rei Olov Geirstadald, apontado no discurso como um dos progenitores da linhagem real norueguesa e um dos responsáveis pelos primeiros estabelecimentos dessa nação e da posterior cristianização desse povo. O cerimonial ainda contaria com outros discursos, algumas músicas e no dia seguinte com a realização de uma festa popular onde ocorreria uma procissão, um show de danças folclóricas e mais algumas músicas e discursos que honrariam aquele momento histórico da nação norueguesa (ARDWILL-NORDBLADH, 2002, 201-216).

Por fim podemos dizer que pelos exemplos supramencionados, entendemos as referências à rainha Asa como de interesse do período histórico dos achados arqueológicos de Oseberg, escavação próxima ao período de 1905 quando a Noruega estava rompendo a sua união política com a Suécia e começava a buscar bases nacionais que sustentassem a história da nação e, por consequência, sua independência. Contando ainda com o redepósito da embarcação para 1948, um período pós-dominação nazista da região, o que acentuava ainda mais a necessidade da criação de uma identidade nacional para o povo norueguês. Os estudos e a escavação de Oseberg estavam assim em concordância com seu tempo histórico reavivando o período Viking, seja pela tradução das Sagas, pela expressão das artes, pela reinserção dos artefatos Viking ou ainda pelos momentos ritualísticos de redepósito dos artefatos de Gokstad e Oseberg. A compreensão de uma das mulheres de Oseberg como sendo a rainha Asa seria assim um fruto desse período que pretendia destacar a história desses povos pelo que eles acreditavam ser: os seus antepassados, os povos Vikings, papel atribuído, assim, à Asa como uma mulher de prestígio daquele período e ainda como avó do rei Harald Fairhair, apontado nas Sagas como unificador da Noruega.

### **Considerações finais**

Pretendemos ter contribuído em nosso trabalho, minimamente, para uma compreensão maior do ofício do historiador e do arqueólogo, que passa nos dias de hoje, a compreender as suas produções discursivas como frutos de um dado vértice espaço/temporal próprio e que como qualquer discurso não reflete pura e simplesmente a realidade, mas sim, os prismas reais, porque concretizados nas atividades mentais e sociais desses estudiosos aos quais estes estão inseridos e de cima do patamar ao qual pretendem buscar e abarcar uma dada realidade a ser estudada.

As fontes, escritas ou materiais, não são mais simples fatos a serem acumulados, mas sim produções de outros prismas reais aos quais os antigos povos se inseriam e pelos quais os diferentes grupos sociais e culturais se compreendiam e compreendiam os outros e o mundo a sua volta e, por fim, a reinserção dessas fontes nos dias de hoje não nos permite uma vivência absoluta daquela dada relação espaço/temporal, mas sim apenas as nossas observações munidas de nossos aparatos teóricos e metodológicos e das nossas relações espaço/temporais em consideração a um passado que se insere em nossos discursos na medida em que respondem nossas ânsias e angústias, produto de nossas vivências.

O nosso trabalho como historiadores e arqueólogos nos dias de hoje diferente do que proposto pelas correntes positivistas pode por fim ser evidenciado como uma prática que sintetizado em métodos, tradições e estratégias de nossos momentos de vivência possibilita os contares das histórias e dos mitos. Momentos nos quais pela rememoração nos elaboramos, reelaboramos e conservamos nossos conhecimentos do passado contestando e conservando ideias como as de cunho social, cultural e econômico nos julgando do alto de nossas cátedras responsáveis pela preservação da memória dos antigos povos e por tanto nos assumimos também responsáveis pelos mitos que criamos e defendemos.

### **Bibliografia**

- ARDWILL-NORDBLADH, Elizabeth. Re-Arranging History. In: HAMIKALIS, Yannis; PLUCIENNIK, Mark; TARLOW, Sarah. *Thinking through the body: Archaeologies of Corporeality*. New York: Plenum Publishers, 2002. p. 201-216.
- BARTON, H. A. *Sweden and visions of Norway: politics and culture, 1817-1905*. Southern Illinois: Southern Illinois University Press, 2003.
- BLOCH, Maurice. The disconnection between power and rank as a process: an outline of the development of kingdoms in Central Madagascar. *Archives Européennes de Sociologie*, n. 18, p. 107-148, 1977.
- BURSTRÖM, Mats. Kronologi och kontext. Om samtidighetens relevans för den arkeologiska tolkningen. In: A. Hyenstrand e Mats Burström. *Mänsklighet genom millennier. En vänbok till Åke Hyenstrand*. Estocolmo: Riksantikvarieämbetet, 1989. p. 37-41.
- BROGGER, A. W. Osberghaugens historie. In: BROGGER, A. W.; FALK, H.; SCHETELIG, H. (eds.). *Osebergfundet*. Kristiania: Universitetets Oldsaksamling, 1917. p. 165-197.
- CHIPPERDALE, Christopher. *Stonehenge Complete*. Londres: Thames & Hudson, 1983.
- EILERTSEN, Lill. Freedom Loving Northerners: Norwegian Independence As Narrated in Three National Museum. In: POULOT, Dominique; BODENSTEIN, Felicity; GUIRAL, José

- Maria Lanzasrote (eds.). *Great Narratives of the Past Traditions and Revisions in National Museums*. Paris: Linköping University Electronic Press, 2011. p. 181-190.
- ECKARDT, Hella e WILLIAMS, Howard. Objects without a past? In: Howard Williams (ed.). *Archaeologies of Remembrance death and memory in past societies*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003. p. 141-170.
- FERGUSON, Robert. *The Vikings*. New York: Penguin Books, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- GULDBERG, G. A. Om Osebergskipets menneskeknokler fra den yngre jernaldern. *Norsk Magazin for Laegevidenskapen*, p. 1385-1397, 1907.
- GUSTAFSSON, Gabriel. Notes on a decorated becket from the Oseberg find. *Saga Book of the Viking Club V*, part II, p. 297-299, 1906.
- JONES, Andrew. *Memory and Material Culture*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- MILLER, D. Artefacts and the meaning of things. In: INGOLD, T. (ed.). *Companion nencyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 1994. p. 396-419.
- NORDSTRÖM, Nina. From queen to sorcerer. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina. (Eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origin, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006. p. 399-404.
- PRICE, Neil. Mythic Acts: Material Narratives of the Dead in Viking Age Scandinavia. In: Catharina Raudvere e Jens Peter Schjodt (eds.). *More Than Mythology. Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012. p. 13-46.
- SAWYER, Peter. *The Oxford illustrated history of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SCHJODT, Jens Peter. Diversity and its consequence for the study of Old Norse religion. What is it we are trying to reconstruct? In: SLUPECKI, Leszek P.; MORAWIEC, Jakub. (Orgs.). *Between Paganism and Christianity in the North*. RzesZów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego, 2009. p. 9-22.
- \_\_\_\_\_. Contemporary Research into Old Norse Mythology. In: Pernille Hermann, Jens P. Schjodt e Rasmus T. Kristensen (eds.). *Reflections on Old Norse Myths*. Turnhout: Brepols, 2007. p. 1-16.
- SCHREINER, K. E. Menneskeknoklene fra Osebergskibet og andre Norske Jenalderfund. In: BROGGER, A. W.; CHETELIG, H. (eds.). *Osebergsfunder*. Kristiania: Universitetets Oldsaksamling, 1927. p. 81-279.
- SEJERSTED, Francis; ADAMS, Madeleine B. *The age of social democracy: Norway and Sweden in the twentieth century*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- SHANKS, Michael. *Social theory and archaeology*. Cambridge: Polity Press, 1987.
- SKJONSBERG, Kari. Nationalism as an Aspect of the History of Norwegian Children's Literature. In: NIKOLAJEVA, Maria (ed.). *Aspects and Issues in the History of Children's Literature*. Greenwood: Greenwood Publishing Group, 1995. p. 105